BOLETIM DA FLORESTA

Projeto de produção de biomassa florestal no campus da UFRRJ é aprovado pelo CONSU



APÓS AMPLAS DISCUSSÕES NOS ÓRGÃOS COLEGIADOS DA UFRRJ, O PROJETO PRODUÇÃO DE BIOMASSA FLORESTAL INCORPORANDO PESQUISA E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, DO IF, FOI APROVADO NO CONSELHO UNIVERSITÁRIO (CONSU). PRÓXIMA ETAPA CONSISTE NA FORMULAÇÃO DO EDITAL. PAG. 3



Alexandre Monteiro, recém-eleito coordenador do PPGCAF fala sobre os desafios para o programa. Pag. 10

| NESTA EDIÇÃO: | PÁGINA |
|------------------------------|--------|
| Editorial | 2 |
| Projeto de Biomassa do IF | 3 |
| Abertura da XVIII SAEF | 6 |
| Atividades da SAEF | 7 |
| Quiz da Floresta | 9 |
| Entrevista com Docente | 10 |
| Ciências Ambientais em Foco | 13 |
| Entrevista: professor Albert | 14 |

IF REALIZA A XVIII SEMANA ACADÊMICA DE ENGENHARIA FLORESTAL



Editorial

Tão perto, mas tão longe.

Muitos de nós vivem a realidade do Instituto de Florestas (IF) em seu cotidiano. Entre aulas, tarefas administrativas e pesquisas científicas, muitas vezes não percebemos o trabalho do nosso próximo.

Não precisa ser assim.

Este boletim nasce com objetivos claros: comunicar para a comunidade do IF suas próprias realizações.

Comunicar amplamente aquilo que a comunidade acadêmica produz significa valorizá-la e fornecer-lhe justo reconhecimento pelos sucessos alcançados e, ainda de quebra, permitir que outros se sintam inspirados a seguir caminhos semelhantes.

Assim, este boletim promoverá a divulgação de atividades relevantes que aconteçam no âmbito do instituto; dará espaço àqueles que desejam divulgar seus trabalhos e mostrará oportunidades para aqueles que desejam iniciar sua trajetória acadêmica por aqui.

Cumpre, ainda, a função de registrar para a posteridade os momentos relevantes da história do instituto.

Após momentos de planejamento e espera, eis aqui o Boletim da Floresta. Esperamos que vocês gostem e que com ele possam contribuir no futuro.







Notas

Aluna da Floresta ganha prêmio de melhor trabalho na RAIC

A discente Sabrina Mayer de Almeida, do curso de Engenharia Florestal, recebeu o prêmio de **Melhor Trabalho** da área de Ciências Agrárias na Sétima Reunião Anual de Iniciação Científica — a VII RAIC da UFRRJ. A graduanda, que é orientada pelo Professor João Latorraca do Departamento de Produtos Florestais (DPF), apresentou o trabalho "Identificação de madeiras nativas a partir da espectroscopia no infravermelho próximo".

Vem aí o I Simpósio de Ciências Ambientais

O I Simpósio de Ciências Ambeintais **está previsto para acontecer entre os dias 4 de maio a 9 de maio de 2020.** Você não pode perder. Mais informações em: https://www.facebook.com/scarural2019

Docente do DCA agraciada no programa "Cientista do Nosso Estado"

A docente Alexandra Pires Fernandez, do Departamento de Ciências Ambientais – DCA, foi agraciada com uma bolsa no programa "Cientista do Nosso Estado" da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.

O título do projeto contemplado pela fundação de apoio e liderado pela professora Alexandra é "Restauração de interações ecológicas na Mata Atlântica através da reintrodução de fauna".

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto de Florestas

Reitor: Ricardo Luiz Louro Berbara Diretor IF: João Vicente de Figueiredo Latorraca Vice-Reitor: Luiz Carlos de Oliveira Lima Vice-Diretor: Paulo Sérgio dos Santos Leles

Textos, Fotos e Diagramação: Laura Rosa Edição e Revisão: Alessandro Lima

Núcleo de Informação e Documentação Florestal **Telefone:** (21) 2681-4986

E-mail: nidflor.if@gmail.com Facebook: Instituto de Florestas - UFRRJ

Sites:

IF http://www.if.ufrrj.br/ NIDFLOR http://institucional.ufrrj.br/nidflor

Os textos e imagens publicados neste boletim podem ser reproduzidos, integral ou parcialmente, desde que a fonte seja citada. Crédito para textos: NIDFLOR/UFRRJ. Crédito para fotos: nome do fotógrafo (NIDFLOR/UFRRJ).

PROJETO DE BIOMASSA DO IF APROVADO



Área ocupada com povoamentos de eucaliptos no campus Seropédica, próximo ao IF.

No dia 29 de outubro de 2019 o Conselho Universitário da UFRRJ aprovou 0 projeto "Produção de Biomassa Florestal Incorporando Pesquisa e Inovação Tecnológica" desenvolvido pelo Instituto de Florestas e que contou com a participação dos três departamentos que o compõem: o Departamentos de Silvicultura, o Departamento de Produtos Florestais e o Departamento de Ciências Ambientais. O projeto é resultado de mais de um ano de trabalho dos membros da comissão elaboradora e também vem a ser aprovado após discussões e apreciações em todos os órgãos colegiados competentes da universidade.

O projeto trata da implantação de povoamentos florestais em uma área de aproximadamente 1.800 hectares do campus Seropédica da Rural. Os plantios devem ser feitos com espécimes do gênero *Eucalyptus* e serão destinados à produção de biomassa florestal com finalidade energética. Porém, a iniciativa traz muitas outras finalidades e benefícios para a UFRRJ para além da produção de biomassa florestal.

O desenvolvimento de projetos sob a ótica da inovação, vinculada ao ensino, pesquisa e extensão é parte intrínseca do projeto que, desde o início, foi elaborado para compatibilizar atividades acadêmicas em concomitância com a execução das atividades florestais. O professor Latorraca, diretor do IF, ressaltou o viés acadêmico e sua importância para futuras atividades de ensino e pesquisa na área florestal: "Esse projeto abrirá inúmeras oportunidades não somente aos

discentes e docentes do IF, mas também para várias outras áreas do conhecimento da universidade. Na prática, teremos a oportunidade de ensinar, pesquisar e transmitir conhecimento para os alunos dentro de nossas instalações. Os alunos poderão aplicar todo conhecimento obtido em sala de aula por meio de estágios, atividades acadêmicas complementares, aulas práticas e estudos em TCCs. A pós-graduação também terá um papel importantíssimo no projeto, pois por meio dela a maioria dos projetos de pesquisa serão executados para geração de conhecimentos inovadores".

Devido à sua natureza grandiosa, uma vez que o projeto ocupará em torno de 40% da área total do campus Seropédica da Rural, muitos questionamentos foram levantados nos diferentes conselhos em que o mesmo foi apreciado. Para ser aprovado, o projeto tramitou por vários órgãos colegiados da estrutura universitária: o processo iniciou-se no Conselho de Unidade do Instituto de Florestas (CONSUNI-IF), passou pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Área de Ciências Agrárias (CEPEA-CA). Posteriormente foi apoiado pelos CEPEAs de todas as outras áreas de conhecimen-



to da universidade, e por fim foi aprovado por dois colegiados superiores da UFRRJ: o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) e, por último, o CONSU. Tal caminhada certamente exigiu muito esforço da equipe envolvida no projeto nos últimos meses e trará benefícios por um longo período de tempo: "o projeto tem base sólida para garantir sustentabilidade acadêmica por um longo período de tempo, além de contribuir significativamente para o custeio da universidade" - ressalta o professor Latorraca.

Dentre as muitas dúvidas e temas debatidos durante o trâmite do projeto pelos conselhos, está a preocupação com os possíveis impactos ambientais que um plantio florestal dessa magnitude possa causar na região. Na visão de alguns ambientalistas, a monocultura de eucalipto traz prejuízos ao solo afetando o lençol freático. Quanto a essa questão, o professor Hugo Amorim, docente do Departamento de Silvicultura e envolvido com o projeto desde a sua concepção, esclarece e tranquiliza sobre as principais preocupações: "Escrevi um laudo de 12 páginas demonstrando que o plantio desses eucaliptos, aqui na Rural, redundará em impacto muito reduzido. Uma das principais críticas refere-se ao fato do eucalipto secar o solo, o que não é verdade. No caso da área da universidade, podem-se observar, na reta de Piranema, 500 hectares de eucalipto plantados ao lado das lagoas resultantes da exploração de areia, repletas d'água, evidenciando a ausência desse impacto. Essas e outras críticas são feitas por pessoas com pouco conhecimento sobre esse assunto. Não que o eucalipto não tenha impacto na questão da água, mas depende de um conjunto de fatores ambientais que não estão presentes no campus da Universidade Rural".

Além dessas questões apontadas pelo professor, o projeto passará pelo crivo dos órgãos ambientais durante a fase de licenciamento ambiental, etapa na qual os impactos ambientais da iniciativa serão levantados pela empresa parceira por meio de estudos de impacto ambiental.

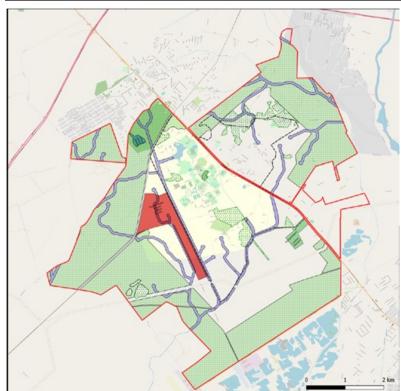
O professor Hugo também minimizou os possíveis impactos adversos argumentando que há muito tempo o campus da UFRRJ já é ocupado por povoamentos de eucalipto. O docente foi, inclusive, gestor do contrato firmado entre a UFRRJ e a antiga Com-

panhia Metalúrgica Barbará (atual Saint-Gobain Canalizações), que permitiu a implantação de mais de 700 ha de florestas plantadas utilizadas na produção de carvão vegetal entre os anos de 1990 a 2015. Após esse período e com o consequente término da parceria, o remanescente dos plantios de eucalipto foi incorporado ao patrimônio da universidade. Desde então, esse patrimônio tem sofrido contínua degradação e desvalorização, sendo seu estoque estimado em quase 30.000 m³ de madeira, segundo o inventário florestal realizado pelo Departamento de Silvicultura em 2018.

O aproveitamento dessa madeira com a devida colheita florestal dos talhões remanescentes também se configura como etapa constituinte do projeto aprovado, de modo que a empresa vencedora do certame arcará com os custos dessa ex-



Povoamentos antigos de eucalipto ocupam áreas no limite da universidade há várias décadas.



Legenda:

- Território UFRRJ 4.113 ha (cortado, pela linha vermelha que representa a BR 465).
- Áreas disponibilizadas para reflorestamento com o eucalipto.(Área total 1776 ha).

As áreas previstas para os povoamentos foram estrategicamente alocadas na periferia do campus Seropédica com o objetivo de proteção da propriedade.

ploração, com repasse das devidas contrapartidas financeiras para a universidade. O professor Hugo fala sobre a importância para a universidade de conseguir dar utilidade a esse estoque: "Eu fiz o inventário, nós temos um estoque de 30.000 m³ de madeira em pé, que vale no mínimo 600 ou 700 mil reais. É um recurso que está disponível, e, nessa época que estamos tão apertados no orçamento da universidade, é importantíssimo que a universidade consiga comercializar isso, para ajudar no seu custeio. Então, esse estoque está em muito boa hora e merece ser explorado justamente para isso, para auxiliar a faculdade nos seus problemas orçamentários".

Apesar do aparente abandono dos plantios oriundos da antiga parceria ser alvo de críticas de parte da comunidade universitária, a permanência desses povoamentos favoreceu a proteção dos limites do campus universitário contra invasões irregulares. Essa preocupação, que é constante em uma propriedade gigantesca em uma região da Baixada Fluminense em que a violência e o crime organizado crescem nos últimos anos, também foi uma motivação complementar para a aprovação do projeto. Nesse contexto, a equipe planejou para que as áreas dos 1.800 ha de plantio venham a ser instaladas na periferia do campus, de modo a proteger seus limites e ocupar áreas fundiárias pouco aproveitadas pela instituição ao longo da sua existência em Seropédica, o que vem desde a década de 40 do século passado.

No futuro, acredita-se que o estoque madeireiro gerado poderá ser utilizado para produção de cavacos a serem destinados para produção de vapor ou de energia. E assim o projeto que benefícios acadêmicos para discentes e pesquisadores da universidade, protege os limites geográficos do campus e gera recursos financeiros para a gestão universitária vai se consolidando como oportunidade de grande valor para o desenvolvimento das futuras atividades acadêmicas do Instituto de Florestas. Mas, até lá, ainda há bastante trabalho a ser realizado: "Definir os projetos de pesquisa, o modelo de edital e selecionar a empresa." - resume o professor Latorraca sobre os próximos passos para avanço do proje-

A consulta aos trâmites do processo aprovado pode ser acessada via Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contratos da UFRRJ (SIPAC) por meio do seguinte link: http://bit.do/fkYd4



Semana Acadêmica de Engenharia Florestal

Com o tema "O Futuro das Florestas", a XVIII SAEF promoveu oficinas e palestras para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos participantes.



Membros da Mesa de Abertura da 18ª SAEF. Da esquerda para direita: discente Isabella Trece e professores: Vanessa Basso, Alexandre Monteiro, Emanuel Araújo, Claudia Moster, Roberto Lelis e Paulo Leles.

Entre os dias 16 e 20 de setembro, o IF sediou a décima oitava Semana Acadêmica de Engenharia Florestal - XVIII SAEF, que teve como tema: O Futuro das Florestas. Neste ano, mais uma vez, uniu-se ao evento a realização do II Fórum da Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Florestais. A cerimônia de abertura foi composta pela organizadora do evento professora Claudia Moster Barros, o próreitor de Extensão Roberto Lelis, o coordenador do curso Emanuel Araújo, o coordenador do curso de Pós Graduação em Ciências Ambientais e Florestais, professor Alexandre Monteiro, a Professora Responsável pelo PET Vanessa Maria Basso e a Discente Representante do curso Isabella Trece.

Dando início aos discursos, a organizadora do evento enfatizou sobre a importância da semana acadêmica como um meio de valorização da profissão de engenheiro florestal.

Foi comentado que a profissão ainda não é muito conhecida, apesar existir como ocupação há mais de 50 anos e ser uma área de atuação muito importante para a sociedade: "ainda há muitas pessoas que não sabem o que é esse profissional e o que ele faz e qual a importância dele". O professor Emanuel pontuou a importância da sinergia presente no corpo discente do instituto, com agradecimentos à mobilização do PET - Floresta e do Centro Acadêmico. Terminando sua fala, o coordenador do curso disse ter esperança no envolvimento futuro de mais alunos e professores. Durante o discurso foi abordado, em vários momentos, o momento político vivenciado na atualidade pela sociedade brasileira. Em sua fala, a professora Claudia comentou sobre a escassez de oportunidades para a área ambiental demonstrar sua importância e a influência que essa escassez gera na profissão: "Nós vivemos um momento político em que ambientalista não é algo tão desejável assim", onde o preconceito de 'floresta não que sustentável' acaba sendo multiplicado"- declarou a professora.

FEIRINHA DA SAEF

A tradicional feirinha trouxe visibilidade a empresas e projetos de extensão do setor florestal.

A Feira de Extensão da SAEF foi um evento que fez parte da décima oitava Semana Acadêmica de Engenharia Florestal. Com o intuito de realizar uma troca de conhecimento para a área acadêmica, a feira trouxe empresas e projetos ambientais atuantes na área da Engenharia Florestal.

A Cedae trouxe para a exposição os produtos do projeto Replantando Vida. Os produtos são mudas e sementes de árvores, produzidas por penitenciários. Cada três dias trabalhados significam um dia a menos na pena a ser cumprida pelo encarcerado: "A ideia surgiu para dar oportunidade para essas pessoas que não têm". No total, são sete viveiros em posse do projeto.

A feira também contou com a participação da empresa Chaco-Vaco, que contribui para o desenvolvimento econômico e sustentável das áreas agrárias e florestais. A Chaco-Vaco coleta resíduos ou sucatas de madeira e os processa; a biomassa coletada

pela empresa pode ser utilizada tanto como fonte de energia quanto para produção de fertilizantes orgânicos. O stand da empresa contou com a presença dos produtos da empresa e uma maquete demonstrando todo o processo de transformação da madeira em biomassa. A companhia também visa implantar um projeto de silvicultura econômica na Rural. O intuito do projeto é utilizar a biomassa produzida pelo eucalipto como energia que será convertida para a universidade reduzindo os custos com energia elétrica.

O professor Tiago Breier levou para a exposição os trabalhos da disciplina de sementes florestais, produzidos pelos seus alunos no período letivo de 2019.1. O projeto, denominado "Sementeca", conta com espécies nativas e forasteiras vindas de diversos estados do Brasil, além de mais 20 espécies trazidas da Austrália. As produções foram apresentadas pelas estagiárias de Engenharia Florestal Bruna, Gabriella e Eduarda.

A associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (Abio) também esteve presente com a exposição de hortaliças orgânicas dos agricultores de Seropédica. A responsável por apresentar os produtos era a nutricionista e gerente de feira Jacqueline Oliveira.



Professor Tiago Breier e alunas do projeto Sementeca.



Mudas do projeto Replantando Vida.



A Feirinha reuniu expositores e participantes.

Sessão Temática: O futuro das florestas

Pesquisadores discutem em mesa redonda da SAEF sobre perspectivas futuras após aumento das queimadas no país.

As atividades que foram parte da XVIII SAEF agregaram uma grande carga de conhecimento para os participantes do evento. Logo após a mesa de abertura, a primeira palestra foi uma sessão temática intitulada O Futuro das Florestas. A mesa foi composta pelos professores Leandro Dias e Jerônimo Boelsums, que expuseram suas opiniões com relação aos últimos acontecimentos na Amazônia e em outras florestas.

O professor Leandro expôs uma provocação durante a sua participação, trazendo algumas capas de revistas relacionadas à discussão. to bem observada pela mídia inter-A primeira capa apresentada foi a nacional. "O Brasil já foi o inimigo Time do ano de 1970 com tema "O ambiental, e de novo está se tornanhomem entre dois mundos, a crise do" - afirmou o professor. A geopolíambiental na imprensa internacio- tica não é mais manifestada de fornal", a fim de relembrar que a dis- ma violenta como nas colonizações, cussão na década de 70 era centra- mas ela é utilizada por meio de ada na embate "desenvolvimento e cordos políticos para estabelecer a não desenvolvimento".

Em seguida, foi apresentada a Time de 1989, cujo título foi Time foi utilizada de termômetro "Queimando a Amazônia". Esse vo- para mostrar a maneira que o munlume revelou a crise internacional e do enxerga a situação ambiental. o maior vilão dessa crise, o nosso Por último, foi apresentada uma país: "O Brasil fez a conferência de edição que liga a Amazônia ao aque-92 por dois motivos: primeiro que cimento global, mostrando que avirou chacota internacional com a- ções tomadas na Amazônia têm um desivos circulando na Inglaterra impacto global e, assim sendo, as 'proteja a Amazônia e queime um decisões cabíveis a ela, com a geobrasileiro' porque as queimadas e- política, passam a não ser mais naram ostensivas e violentas. Segundo cionais. "Esse é o debate central, a foi a morte de Chico Mendes, com Amazônia não é pulmão do mundo, uma morte suspeitíssima."O profes- mas permanece central para discussor comentou o porquê de haver sões sobre aquecimento"- encerrou tanta repercussão internacional so- o docente. bre o Brasil com relação às queimadesmatamento que vem sendo mui- o real significado do termo floresta.



Mesa de Debate composta pelos professores Jerônimo Boelsums e Leandro Dias .

satisfação de interesses mundiais.

Na ministração, a revista

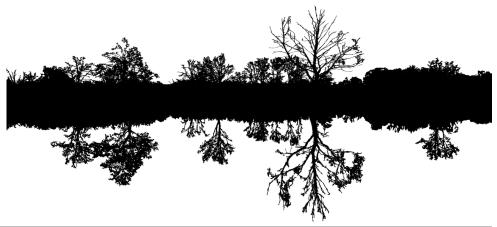
O professor Jerônimo prefedas. Além de a Amazônia estar den- riu adotar uma cartilha mais próxitro de um "xadrez político" o nosso ma à Engenharia Florestal, e deu país também possui uma cultura de início ao seu discurso falando sobre

O professor trouxe à tona algumas opiniões polêmicas nos cursos de agrárias como o debate sobre o que chamam de florestas de eucalipto. "Na minha época era muito comum falarem 'isso é uma floresta de pinus', 'isso é uma floresta de eucaliptos'". Ele comentou que realmente existem florestas do gênero Pinus, mas na Europa. Segundo Jerônimo, há uma diferença entre a silvicultura e uma floresta e esse conceito é muito deturpado nas áreas agrárias: "Floresta é muito diferente de um plantio, de uma silvicultura e o mesmo vale para o eucalipto"sintetizou o docente.

O discurso terminou com a recordação do estado de nossas florestas com um cenário explicitamente pessimista, uma vez que os parques e outras unidades de conservação ambiental não têm apresentado formas adequadas de manejo.

Mas também foi lembrado que em nosso país é mais fácil a compensação das emissões de carbono, devido à grande capacidade produtiva e de crescimento das árvores. Essa

lembrança, certamente, fornece uma ponta de esperança sobre o futuro das nossas florestas, fazendo todos os participantes refletirem sobre como os atuais e futuros profissionais da Engenharia Florestal da Universidade Rural poderão atuar para melhorar esse futuro.



Quiz da Floresta



Teste seus conhecimentos florestais!

- 1. As plantas adaptadas a ambientes com elevado teor salino são conhecidas como:
- (a) Xerófitas.
- (b)Halófitas.
- (c)Psamófitas.
- (d)Umbrófitas.
- 2. Segundo o IBGE, em 2016 a área plantada de *Pinus* sp. no Brasil era de 2.079.162 ha. O Paraná é o estado com maior área coberta por esse gênero florestal. Qual estado do Brasil ocupa o segundo lugar em cobertura florestal de *Pinus* sp.?
- (a) Santa Catarina.
- (b) Rio Grande do Sul.
- (c) São Paulo.
- (d) Minas Gerais.
- 3. Quais dos termos a seguir <u>NÃO</u> é utilizado para se referir à camada de material orgânico ou em decomposição presente na superfície do solo de florestas?
- (a) Serrapilheira.
- (b) Manta morta.
- (c) Reboleira.
- (d) Liteira.

- 4. A Unidade de Conservação prevista no SNUC e destinada à preservação da natureza e à realização de pesquisas científicas, podendo ser visitada apenas com o objetivo educacional é chamada de:
- (a) Reserva Biológica.
- (b) Área de Relevante Interesse Ecológico.
- (c) Área de Proteção Ambiental.
- (d) Estação Ecológica.
- 5. Qual nome dado ao painel composto de lâminas de madeira sobrepostas em número ímpar de camadas que formam ângulos de 90º entre as camadas adjacentes?
- (a) Painel compensado multilaminado.
- (b) Painel de fibras de média densidade.
- (c) Painel sarrafeado coberto com lâminas.
- (d) Painel de partículas orientadas.



| в | p | э | g | q |
|----------|--------|---|---|---|
| ς | τ | ε | 7 | Į |
| Questões | | | | |
| Oabarito | | | | |

ENTEVISTA COM DOCENTE

Professor Alexandre Monteiro

Prestes a completar quinze anos de carreira docente na UFRRJ, o professor Alexandre Monteiro assumiu recentemente a coordenação do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais e Florestais (PPGCAF). Nesta entrevista exclusiva, o docente do Departamento de Produtos Florestais (DPF) fala sobre suas motivações ao assumir o cargo e os desafios a serem enfrentados pelo programa nos próximos anos.

Durante sua carreira na UFRRJ, o senhor já exerceu outras funções de chefia como no Departamento de Produtos Florestais em 2006 e tutoria do PET - Floresta. Quais são suas motivações profissionais e ambições pessoais para assumir a coordenação do PPGCAF hoje?

Eu estou completando, no começo de 2020, quinze anos na Rural. Creio que estou chegando ao meio da minha carreira profissional e acadêmica. Antes da universidade eu trabalhei durante 4 anos numa empresa, mas eu considero que eu só me realizei profissionalmente quando eu vim dar aula na Rural. Logo no começo, nos meus primeiros anos de universidade, eu percebi que vir dar aula não era simplesmente estar na sala de aula com os alunos. Existia uma demanda, uma quantidade de tarefas, de encargos de responsabilidades que vão muito além da sala de aula. Então foi ainda no primeiro ano da universidade, eu fui convidado a assumir a chefia do Departamento de Produtos Florestais, o qual eu refleti, tive muito apoio dos colegas e fui dois anos chefe do departamento. Depois teve um intervalo, acho que de dois anos, fui chefe novamente, duas vezes vice-chefe. Não digo que é



é um cargo de responsabilidade, um na pós-graduação. trabalho que mexe com todo sua A questão da Gestão da secretaria, rotina diária. Mas o resultado final é muito aprendizado das rotinas administrativas de como funciona a universidade. Depois em 2010 teve esse desafio do Pet Floresta, que foi efetivado em 2011 e lá eu figuei por seis anos. O PET incrementou muito a minha visão extensionista de atividades fora da universidade e tam- tempo. bém de relacionamento pessoal e profissional com os alunos. Isso tudo foi acontecendo não de forma programada, mas eu sempre tive essa ligação com essa parte mais administrativa também.

Quanto à coordenação da pósgraduação, a história foi mais ou menos a seguinte: desde que eu entrei na Rural, eu me cadastrei como professor da pós-graduação. E venho participando há mais de dez anos também do colegiado. Esquestões estruturais e organizacio- te no programa, mais em início de

uma experiência prazerosa, porque nais que temos que melhorar muito

eu percebo que vão ser tempos de muitos encargos. É um volume de trabalho grande, talvez o meu maior desafio aqui na Rural. É (o cargo) mais importante, mais significativo do que as chefias de departamento, do que o Pet e etc. Então é um desafio que eu espero contribuir com o

motivação frente a isso, eu coloquei até para os colegas que não era meu planejamento pessoal ser coordenador do curso da pós-graduação. Mas a gente sente que chega a hora de dar essa contribuição. Então, o grupo do colegiado executivo, agora no meio do ano, mapeou os possíveis candidatos a coordenadores. Tínhamos professores mais antigos do que eu, que já tinham passado pela coordenação ou pela vicecoordenação. Depois tínhamos basitou completando um mês e meio de camente dois ou três professores coordenação da pós graduação, e nessa fase intermediária da carreira, percebo que os desafios são muito alguns deles com outros encargos grandes. Ainda estou numa fase de também. Depois desses tinha o pesadaptação, a gente tem algumas soal que chegou mais recentemencarreira. Entre outras palavras, quando eu olhei para o lado e falei assim "é, acho que agora é a minha vez, não tem como fugir disso".

Preparei-me psicologicamente no meio do ano durante as férias. E voltei para aquela história do meu próprio convencimento pessoal, que seria um desafio essa nova tarefa da coordenação. Me sinto um pouco preocupado com tudo que vem acontecendo em termos de pós graduação, de financiamento, de educação, bolsas, recursos operacionais, quadro de pessoal, uma certa desmotivação por parte dos alunos pelo contexto todo atual da política do Ministério da Educação. Mas acho que a minha motivação para o desafio ainda é grande.

Quais as principais diferenças que o senhor encontrou entre as outras funções administrativas e a que o senhor possui agora?

As especificidades da pósgraduação é que é uma gestão mais acadêmica, enquanto as chefias de departamento são mais administrativas, possuem mais rotinas de processo de compras, manutenção, gestão de funcionários. Mas o encargo da pós graduação, é mais acadêmico; mais responsabilidade na gestão de disciplina; no acompanhamento dos projetos de mestrado e doutorado; das relações entre orientando e orientador, das linhas de pesquisa que cada trabalho aborda.

Eu digo bastante que o sucesso da pós-graduação está ligado a uma boa secretaria, em termos de quadro de pessoal. Isso é muito significativo para que a gente não tenha dor de cabeça na parte de áreas de gestão do programa. Então essa parte tem sido prioridade nesses primeiros meses de restaurar todo esse funcionamento. Eu fiquei um pouco chateado porque três sema-

nas depois de eu assumir a coordenação, a nossa secretária se desligou da universidade, e agora estamos correndo atrás para repor a servidora do quadro da secretaria. Faz muita falta e muita diferença no trabalho diário da pós-graduação.

Atualmente, muitos pós-graduandos e estudantes postulantes a curso de pós-graduação nas IFES estão enfrentando os cortes nas bolsas de mestrado e doutorado. Esses cortes já estão afetando o PPGCAF?

A gente com certeza passou por um ano muito difícil, estamos passando. Porque são muitas notícias seguidas, dos cortes, os contingenciamentos, as questões relacionadas à suspensão de bolsas ou não possibilidade de renovações. Especificamente no PPG-CAF, a gente tem uma classificação da Capes, nota quatro. É uma nota intermediária, essa classificação vai de três a sete, e a nossa avaliação, por muito pouco na última avaliação de 2017, não subimos o conceito para cinco. Então o que aconteceu foi que houve notícias de não prorrogação de bolsas. Então alunos que estavam defendendo suas teses ou dissertações de mestrado, não teriam essa bolsa repassada para os alunos (alunos novos). Isso trouxe uma insegurança muito grande, eu diria também que uma desmotivação para os atuais pós-graduandos. Passado algum tempo foi revertida essa situação para os cursos 5, 6 e 7. A gente tem uma particularidade que é o mês de fevereiro, ele é muito significativo, porque a gente só tem uma entrada anual, que é feita em março. Então fevereiro é sempre um mês de defesas, terminam os prazos de bolsas. Então como a gente estava nesse segundo semestre passando por essas tempestades, ficou uma insegurança. Isso não nos afetou diretamente nas bolsas de mestrado e doutorado porque essa renovação só é em fevereiro do ano que vem. No primeiro contingenciamento, a gente perdeu uma bolsa de pósdoutorado, que foi aquela questão de termos a bolsa não vinculada ao aluno no momento que foi anunciado esse contingenciamento, e estávamos no processo de discussão do edital e tem um tempo de 15 a 20 dias para selecionar um aluno e essa bolsa foi indisponibilizada para o programa. Esse foi o nosso único prejuízo direto, único talvez não, porque teve uma redução muito grande; o PPGCAF já recebeu verbas perto dos cem mil reais e esse ano recebemos cerca de quarenta e sete mil reais só de custeio, de ajuda de custo para a passagem de alunos, manutenções e etc.

Mas voltando pras questões das bolsas, a última comunicação da Capes foi um comunicado posterior àquela volta a normalidade dos problemas 5, 6 e 7. Teve uma outra comunicação que alguns programas nota 4 que tinham uma tendência de ascensão, de boa produtividade e de se transformarem em curso 5, eles estão dando o nome desses cursos de "4+". E foi uma peneira bem grande, ou seja, eles pegaram todos os cursos 4, fizeram essa avaliação e alguns poucos cursos foram classificados como 4+ e também tiveram o seu retorno à normalidade. Nós entramos nessa classe de 4+. O que no momento de tanta notícia ruim ou desanimadora foi um certo acalanto, principalmente para os alunos. Então os programas selecionados dentro dos programas 4 e entre eles o nosso, tiveram a reversão dessa questão da prorrogação de bolsas e passe de bolsas de outros alunos depois das defesas. Então a gente voltou a um cenário de normalidade o que melhorou essa questão motivacional dos pós-graduandos aqui do programa.



De certa forma o senhor considera prejudicial essa classificação dos cursos dados pela Capes?

Não prejudicial, é um processo necessário de ranqueamento dos programas, muito baseado em dados quantitativos de produção. Existe uma tendência que essa avaliação seja frequentemente melhorada, considerando projetos de extensão, ou seja, menos voltada só para quantificação de números e publicações. Mas eu não considero, necessariamente, prejudicial; é uma pirâmide ou um funil que é muito estreito, então me parece muito mais difícil a gente conseguir subir no conceito para 5 ou 6. Mas o programa tem essa vantagem atual, ele é um programa muito produtivo; são cerca de 21 docentes do programa e temos mantido uma boa produtividade assim como foi em 2017. E a gente não subiu por questões mais conceituais de ajuste de linhas de pesquisas.

O que o senhor considera fazer para aumentar a nota da Capes?

Isso vai ser uma função inevitável do coordenador, ele vai ter que administrar esse preenchimento (plataforma Sucupira). Então a gente vai entrar nesse preenchimento em 2020, depois tem o preenchimento de 2021, que é o ano da nova avaliação. A gente está muito

atento e esperançoso para que 2021 a gente tenha uma classificação nota 5. É o nosso grande objetivo de avaliação do programa.

Em que o senhor considera que a Rural poderia ajudar para melhorar no desenvolvimento do programa?

Eu acredito que o trabalho da Próreitora de Pesquisa e Pós-graduação tem sido assertivo. A gente tem reuniões do que chamamos de Câmara da Pós-graduação, todos os coordenadores, o pessoal esteve agora em Brasília em começo de setembro para reunião de meio termo. A reunião de meio termo é quando acontece no meio do quadriênio de avaliação, todos os coordenadores em datas programadas pelas áreas então é a reunião de meio termo das Ciências Agrárias. A Reitoria esteve muito presente, fez um repasse muito detalhado de tudo o que aconteceu lá. Então a pró-reitoria tem ajudado bastante nesse sentido, a gente tem uma secretaria acadêmica da pró-reitoria de pós-graduação, que dá um suporte bastante significativo pro nosso dia a dia também. Eles são muito ágeis e estão ajudando bastante nessa fase minha de adequação. Mas eles têm grandes limitações, principalmente orçamentárias, de pessoal. Acredito que o trabalho do pró-reitor, professor Alexandre Fortes, e da professora Lúcia Helena tem sido muito árduo no sentido de suporte aos programas de pós-graduação, mas também estão sofrendo bastante com a falta de recursos.

Quais os desafios que o senhor enxerga para a coordenação do PPG-CAF no futuro?

Reverter essa parte motivacional dos alunos, subir de conceito na avaliação da Capes, manter a nossa produtividade alta. Retornar, para a pós-graduação, alguns professores que se desligaram nos últimos anos ou que não conseguiram se recrendenciar. Tem uma galera nova aí. Professores mais recentes nos três departamentos que têm muito potencial pra vir para o curso de pósgraduação; então quero fazer um trabalho de inseri-los no programa como docentes da pós-graduação. E alguns também retornarem ao programa porque saíram por diversos motivos. É ter uma secretaria funcional; com bons secretários, estagiários e manter a nossa produtividade científica. Chegar ao conceito 5 em 2021 e principalmente manter os alunos motivados frente a todas essas intempéries que a gente tem passado no sistema nacional de pós graduação no Brasil.



Doutora em Bioquímica fala sobre propriedade intelectual no IF

Palestra promovida pelo projeto "Ciências Ambientais em Foco" trouxe como tema o funcionamento das patentes no Brasil.

A série de Palestras Ciências Ambientais em Foco, é uma iniciativa do Departamento de Ciências Ambientais - DCA, que auxilia no desenvolvimento acadêmico extracurricular dos discentes da UFRRJ. O evento ocorre toda última segunda-feira do mês, das 12 h às 13 h e sempre conta com palestrantes convidados de diversas áreas ambientais.

No mês de agosto, o tema da palestra foi: Propriedade intelectual, meio ambiente e tecnologias sustentáveis, ministrado pela professora do Centro Universitário Estadual da Zona Oeste - UEZO - e Doutora em Bioquímica Renata Angeli. Atualmente, a professora Angeli realiza pesquisas na área de propriedade intelectual e patente, por isso a escolha do tema.

A palestra iniciou-se com uma pergunta para reflexão: "o que você entende como inovação?", transparecendo que é necessário pensar na inovação, pois ela é a chave da propriedade privada, uma vez que apenas se é possível patentear aquilo que seja novo.

O discurso abordou o fato de apesar de estarmos na era do conhecimento, ainda assim, temos dificuldade na sua devida disseminação. Foram mostrados os porquês da necessidade de patenteamento de uma técnica de inovação e quais os riscos de não tornar essa técnica uma propriedade privada. Também foi questionado o posicionamento do Brasil com relação às patentes mundiais no ramo das ciências, da bioquímica e biotecnologia. O país tem



Professora Renata Angeli durante a palestra.

as universidades como maiores impulsionadoras de projetos patenteados, com grande destaque para a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ - que é onde a pesquisadora Renata desenvolve seus trabalhos.

A palestrante comentou que ainda não há produções patenteadas na universidade que ela leciona, mas que há um incentivo por parte da universidade para que isso ocorra. O Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), disponibiliza alguns cursos para quem tem interesse em deslocar-se para essa área, os quais podem ser feito por pessoas de qualquer curso de graduação, existindo ainda a possibilidade de realização de pós-graduação ao nível de mestrado ou doutorado em propriedade privada.

A disponibilidade do mercado de trabalho, na área, é uma das mais abundantes, segundo a Dr.ª Angeli: "O Brasil é um país que tem mercado, as pessoas adoram proteger as suas propriedades aqui, e elas precisam de pessoas capacitadas para fazer isso, então quem está estudando essa área não fica sem emprego".

Entrevista com o Professor Albert Luiz Suhett

Nesta entrevista conversamos com o professor Albert Luiz Suhett. O jovem docente da área de Limnologia/Ecologia ingressou na Rural no início de 2018. Ele fala sobre os motivos que levaram o corpo docente do DCA a criar o ciclo de palestras Ciências Ambientais em Foco.

Quem criou o projeto "Ciências Ambientais em Foco?

Foi uma criação nossa, do departamento, mas eu dei a ideia em uma reunião de colegiado e os meus colegas de trabalho gostaram, então todos têm colaborado.

Qual foi o propósito inicial?

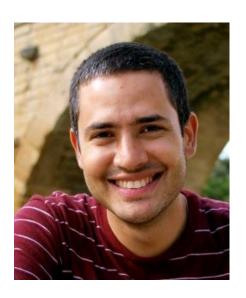
Pensamos nisso como uma forma de ter sempre ideias novas sobre o que está sendo feito, trabalhos que estão sendo publicados e trazidos para o departamento de diferentes áreas das ciências ambientais, para isso despertar o nosso interesse pelos temas e também estimular as pesquisas feitas pelo departamento. E este é um espaço que atrai tanto os alunos de graduação quanto de pós graduação e professores. E em cima de muitas palestras surgem conversas nossas, ideias para pesquisas.

Considera que o projeto foi bem sucedido?

A atividade está completando um ano, acho que o fato de ter sobrevivido há um ano, conseguindo obter frequência dos alunos, significa que seja algo que funcionou.

O que isso implica para a sua formação profissional e de seus alunos?

Às vezes a gente acaba correndo o risco de se fechar dentro de uma ideia ou de uma rotina de trabalho, acho que sempre que alguém vem apresentar algo que muitas das vezes pode confrontar com aquilo que a gente conhece, é sempre uma forma de enxergarmos outras coisas e pensar em parcerias e trabalhos em conjunto com outras áreas. Isso é relevante.



De alguma forma esse projeto contribui para o desenvolvimento dos seus alunos nas suas disciplinas e nas demais do curso?

Dentro das minhas disciplinas, quando estou dando aula sobre algum tema da ecologia e eu percebo que algum aluno estava na palestra, eu procuro sempre chamar atenção dizendo "olha, vocês lembram do que ouviram na palestra?". Ou quando não tem ninguém na aula que foi à palestra, eu procuro valorizá-la.

Acho importante mostrar essa conexão, que o que a gente está mostrando na sala de aula, não está só no livro.

Que tipo de discente frequenta mais as palestras? Os da pós-graduação ou os da graduação?

Os alunos da pós demonstram mais interesse, às vezes até devido a uma dificuldade de logística, o horário das palestras, o deslocamento, almoço no bandejão, se eles tem uma prova que é longe, isso às vezes dificulta(o aluno da graduação). O aluno de pós graduação, como trabalha diretamente com pesquisa, ele não tem essa questão de horário de aula muito preso, estão mais voltados para as ações relacionadas às pesquisas, então na maioria das vezes os alunos de pós graduação se fazem mais presentes.